

## O GATO PILANTRA

O gato Pilantra passava os dias ronronando no sofá azul de riscas.

Para além da comida farta que a dona lhe preparava, do que o Pilantra gostava mesmo era de a digerir muito quieto, de barriga para o ar, na hora em que todos estavam na escola ou no escritório.

De ventre distendido e cauda balançada, o bichano arrastava-se até ao sofá após a refeição e ali ficava horas esquecidas até a chave rodar na porta e alguém entrar em casa. Ouvia os donos a pousarem as malas ou mochilas, a descalçarem os sapatos e rapidamente se esgueirava até ao corredor, na esperança de receber carícias e palavras suaves com o seu nome.

Depressa se fartou de um quotidiano monótono e repetitivo. Precisava de mais liberdade, de esquadrihar os arredores, de conhecer outros gatos e...quem sabe? Outras casas com outros seres humanos. Aqueles donos eram demasiado atentos, cuidadosos, pegajosos, ...

Resolveu então fugir.

Pela janela de um dos quartos, conseguia ver muitos telhados luzentes por onde passeavam felinos de todas as cores e portes. Era por ali que fugiria quando alguém se esquecesse de uma janela aberta.

E esse dia surgiu.

Pilantra pulou sem olhar para trás. Caiu de pé sobre as telhas aquecidas pelas duas da tarde. Correu a procurar uma sombra e olhou à sua volta. Como era bela a liberdade! E agora? Que faria?

Resolveu então entrar na primeira casa que lhe abrisse uma porta ou uma janela.

Nessa noite, ficou ao relento à espera de uma oportunidade que não surgia. Gatos vadios aproximavam-se soltando miados como silvos de cobra, roçando-se nele, esperando resposta às suas tentativas de luta.

Pilantra teve medo; pela primeira vez tremeu e sentiu a aflição de estar sozinho, rodeado pela noite e pelo desconhecido.

Mas...não queria ele ser livre? Não queria ele sair da alçada dos donos e decidir o seu próprio destino? Então...tinha de continuar!

Não conseguiu fechar os olhos até a manhã raiar. A fome já apertava e não sabia onde nem como se alimentar. Só caçando pequenos roedores...já avistara alguns, mas eles eram tão rápidos que não conseguia alcançá-los. Se ao menos tivesse acesso a uma casa pronta a recebê-lo...

As horas corriam e Pilantra começava a desesperar. Finalmente, uma janela aberta. Uma luz desmaiada de um candeeiro de pé. Em breve seria apagada porque o dia raiava. Entrou. Um homem de meia idade curvava-se diante de um saco onde tinham moedas. Migalhas de pão espalhavam-se à sua volta e um aroma a carne assada pairava na sala. O banquete terminara.

Esfomeado, Pilantra lambeu o chão na esperança de sossegar a fome. O homem viu-o. Depressa pegou na espingarda encostada à lareira para o atingir, mas o bichano conseguiu saltar

para o parapeito da janela de onde tinha surgido. O homem gritava “anda cá malandro!” e brandia a espingarda tentando acertar-lhe com a coronha. Chovia a cântaros.

Assustado, Pilantra retomou o caminho e voltou aos telhados oblíquos, escorregadios. Escondeu-se durante horas por entre a folhagem das árvores frondosas. Ali ficou amedrontado, hesitante. A noite avançou. Pios de mocho cruzaram os ares. O frio enregelava-lhe os bigodes e fazia doer-lhe as patas. Pilantra teve saudades. Duas grossas lágrimas rolaram e molharam-lhe o peito felpudo. Ah, como gostaria de regressar! Ai, se pudesse voltar atrás...

Afinal, a liberdade parecia não gostar dele e nada era comparável ao aconchego do seu lar!

março de 2018

Isabel Gomes

